



## LEVANTAMENTO DA PRÁTICA DOCENTE ANTE ALUNOS COM BAIXA VISÃO: ESTUDO DE CASO

Rityely Aline Moura da Silva<sup>1</sup>  
Maria Izabel da Cunha Araujo<sup>2</sup>  
Aline Beckmann Menezes<sup>3</sup>

**Categoria:** Comunicação oral

**Eixo Temático/Área de Conhecimento:** Experiências pedagógicas e institucionais com o público – alvo da educação especial

**RESUMO:** A inclusão dos alunos com baixa visão é um desafio aos professores, pois precisam adquirir conhecimentos técnicos e então avaliar as melhores medidas a serem adotadas para facilitar o processo de ensino-aprendizagem destes alunos. Esta pesquisa é de caráter exploratório e foi aplicado um questionário a nove professores do ensino fundamental de uma escola pública que atuavam com uma aluna com baixa visão. Os participantes possuíam idade média de 47 anos, média de 17 anos de docência, pós-graduação e sete possuem curso de capacitação na área de educação especial. Como resultado foi evidenciado que seis professores buscam preparar as suas aulas antecipadamente a fim de torna-las acessíveis aos alunos com baixa visão e seis professores adaptam a avaliação para esses alunos. Somente quatro professores se implicam como importantes para a inclusão satisfatória dos alunos com baixa visão, sendo que os professores são de grande relevância, pois são os mediadores entre o que a criança sabe e o que ela pode vim, a saber. A partir dos dados levantados foi construída uma cartilha que foi oferecida aos professores, favorecendo a prática deles, ao fornecer um instrumento que contribua para a capacitação para que a inclusão destes alunos ocorra da melhor forma.

**Palavras-chave:** Inclusão. Baixa Visão. Prática docente.

<sup>1</sup>Rityely Aline Moura da Silva. Graduanda do curso de Psicologia (FAPSI/UFPA). E-mail: rityely\_silva@hotmail.com

<sup>2</sup>Maria Izabel da Cunha Araujo. Graduanda do curso de Psicologia (FAPSI / UFPA). E-mail: izabel8484@hotmail.com

<sup>3</sup>Aline Beckmann Menezes. Professora do curso de Psicologia (FAPSI / UFPA). E-mail: alinebcm@gmail.com



**UNIFESSPA**  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO SUL E SUDESTE DO PARÁ



## 1. INTRODUÇÃO

De acordo com Silva (2015) existem cerca de 1,4 milhões de crianças cegas no mundo e 500.000 novos casos de cegueira por ano, com uma proporção de um novo caso por minuto. O Brasil, segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), apresenta taxa de incidência de deficiência visual entre 1,0 a 1,5% da população, sendo de uma entre 3.000 crianças com cegueira, e de uma entre 500 crianças com baixa visão. Observa-se que a proporção é de 80% de pessoas com baixa visão e de 20% de pessoas totalmente cegas, dentre aquelas com deficiência visual. (ROMAGNOLLI; ROSS, 2008, SILVA, 2015).

Romagnolli e Ross (2008, p.13) entendem baixa visão como:

Considera-se baixa visão ou visão subnormal a alteração da capacidade funcional da visão decorrente de inúmeros fatores isolados ou associados, tais como: baixa acuidade visual significativa, redução importante do campo visual, dificuldades de adaptação à luz e ao escuro e para a percepção de cores, alterações corticais e/ou de sensibilidade aos contrastes que interferem ou limitam o desempenho individual da pessoa (ROMAGNOLLI; ROSS, 2008, p.13).

A condição de baixa visão pode ser consequência de diversos diagnósticos, sendo que cada um tem sua especificidade. Assim sendo, duas crianças com baixa visão podem ter funcionamento visual diferente. Até com a mesma patologia ocular, podem ter necessidades diferentes. Por isto no que se trata da inclusão do aluno com baixa visão não há receita pronta e nem generalização (ROMAGNOLLI; ROSS, 2008). Isto é, estes alunos têm dificuldades específicas que passam pelo ver ou não ver, o que torna a inclusão de alunos com baixa visão um desafio aos professores, pois precisam adquirir conhecimentos técnicos quanto as patologias oculares dos seus alunos e então avaliar as melhores medidas a serem adotadas para facilitar o processo de ensino-aprendizagem destes alunos.

De acordo com Amiralian (2004) é papel também do professor estar sensível às dificuldades do aluno com baixa visão e entender que elas podem ser causadas por questão de acesso aos recursos adequados, caso contrário, ao invés de ajudar

estimulando este aluno, o professor pode atrapalhar seu desenvolvimento e contribuir para o agravamento das dificuldades afetivas emocionais do mesmo.

Pensando em amenizar as dificuldades dos alunos com baixa visão, os professores devem utilizar os recursos disponíveis e adequados a cada aluno com baixa visão, pois eles precisarão para o desenvolvimento do seu processo de aprendizagem de recursos específicos (lupas de apoio, tele lupa, material com caracteres ampliados, etc.), que proporcionam melhora da eficácia do seu resíduo visual, (ROMAGNOLLI; ROSS, 2008).

É válido ressaltar o avanço na produção literária sobre a inclusão do aluno com baixa visão, no entanto há relatos de professores que não se dizem preparados, como os apresentados nos resultados da pesquisa de Gasparetto et al. realizada em 2001. Portanto, verifica-se a importância de investigar os conhecimentos e necessidades dos professores que estão lidando com os alunos com baixa visão atualmente na rede pública de ensino.

Por isto, esta pesquisa tem como objetivo geral descrever como os professores de uma escola da rede pública de ensino da cidade de Belém estão procedendo com os alunos com baixa visão, e de forma específica objetiva: analisar o grau de informação que os professores possuem sobre baixa visão, levantar as informações que os professores gostariam de ter acerca de alunos com baixa visão; construir e fornecer para os professores uma cartilha informativa sobre alunos com baixa visão.

## **2. MATERIAIS E MÉTODOS**

Esta pesquisa é de caráter exploratório e buscou levantar como está se dando a prática dos professores de alunos com baixa visão. Para isto, foi aplicado um questionário a nove professores do ensino fundamental de uma escola pública que atuavam com uma aluna com baixa visão por no mínimo três meses.

O questionário era anônimo contendo 24 questões de própria autoria baseado em Gasparetto et al. (2001). O instrumento foi composto por questões fechadas e abertas.

Os procedimentos se dividiram em quatro etapas: 1º solicitação da autorização da escola; 2ª Aplicação do questionário e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido; 3ª Análise dos dados e construção da cartilha; 4ª Socialização da cartilha e aplicação do instrumento de avaliação da cartilha.

### **3. RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Os resultados serão apresentados em três subseções: 1) dados quantitativos do questionário; 2) dados qualitativos e 3) construção e avaliação de cartilha de orientação docente.

#### **Dados quantitativos do questionário**

Os participantes possuíam idade média de 47 anos, média de 17 anos de docência, pós-graduação e sete possuem curso de capacitação na área de educação especial.

Quando perguntado aos docentes se eles procuravam conhecer o diagnóstico do aluno com baixa visão, quatro professores indicaram que somente “às vezes” tomam tal iniciativa. Entende-se então que é imprescindível que o docente conheça o diagnóstico do seu aluno, pois o professor precisa adaptar o material da melhor forma, caso contrário, pode provocar um esforço visual do aluno e assim resultar em fadiga visual causando dor de cabeça, lacreamento e olhos vermelhos levando o aluno a ficar disperso durante a aula, como aponta Amiralian (2004)

A maior parte dos entrevistados apontaram que buscam participar de formação continuada, por meio de cursos na área da educação especial, porém quando perguntado quanto ao seu grau de conhecimento acerca da adaptação da sala de aula para o aluno com baixa visão, quatro professores indicaram ter pouco e quatro ter nenhum conhecimento. De acordo com Romagnolli e Ross (2008) é

necessárias adaptações da sala de aula que venham favorecer condições de participação, facilitem o aprendizado e melhorem o desempenho do aluno com baixa visão, entre elas estão: sentar o aluno na carteira em frente a lousa; o professor escrever de forma organizada no quadro evitando deixá-lo sujo; proporcionar boa iluminação sem causar ofuscamento.

No que concerne ao planejamento do docente, seis professores afirmaram que as vezes preparam previamente suas aulas. Como aponta Silva (2015) a preparação antecipada das aulas permite o planejamento das atividades, isto é a formulação de estratégias para facilitar o processo de aprendizagem do aluno levando em consideração as características do diagnóstico, as potencialidades do aluno, o objetivo da atividade e o seu nível de complexidade.

Seis professores afirmaram que possuem pouco conhecimento sobre os recursos óticos usados pelo seu aluno com baixa visão. É importante que o professor conheça os recursos óticos utilizados pelo seu aluno, pois assim pode incentivá-lo a usar da melhor forma, além de ter a clareza que a utilização dos recursos óticos não dispensa a ampliação do material, e muito menos uso destes recursos não torna a execução das atividades mais ágeis, pelo contrário, pois diminuem o campo visual tornando a leitura demasiada lenta (ROMAGNOLLI; ROSS, 2008).

Foi passível de análise que para seis professores a presença do aluno com baixa visão às vezes é um fator dificultador na prática pedagógica. Desse modo, sugere-se maiores investigações sobre este processo e as relações que o delimita, com o intuito de identificar os elementos que podem contribuir para o desencadeamento deste fator. Pode-se supor que este dado seja decorrente da falta de capacitação, que resulta em os docentes sentirem-se inseguros para receber alunos com baixa visão, já que, quando lhes foi perguntado, de maneira geral como eles avaliavam seus conhecimentos em relação a baixa visão a maioria (oito professores) apontaram como sendo pouco, vale ressaltar que a maioria desses professores possuem cursos de capacitação na área de educação especial.

## Dados qualitativos do questionário

Nesta seção serão apresentados os dados qualitativos, isto é, as respostas dos professores às perguntas abertas do questionário.

A seguir será apresentada uma tabela que contém as respostas dos professores acerca da adaptação da avaliação. As respostas foram divididas em duas categorias: 1) Não adaptação da avaliação e 2) Adaptação da avaliação.

Tabela 1:

### Respostas dos professores em relação à adaptação ou não da avaliação

| <b>Categorias</b>                 | <b>Respostas dos professores</b>   |
|-----------------------------------|--|
| <b>Não adaptação da avaliação</b> | <i>P1 – “Pois são capazes de participar e conseguir chegar ao seu conhecimento do que eles pretendem aprender dos conteúdos.” [S.I.C.]</i>   |
|                                   | <i>P3 – “Porque isso não impede que o mesmo tenha dificuldades cognitivas ou seja, sua aprendizagem está preservada.” [S.I.C.]</i>   |
|                                   | <i>P 6 – “pois não é inclusão então eles tem ser avaliado igual ao demais.” [S.I.C.]</i>   |
| <b>Adaptação da avaliação</b>     | <i>P9 – “ A mesma “prova” que passo para a turma, eu passo para o aluno com baixa visão, só que a prova é ampliada.” [S.I.C.]</i>  |
|                                   | <i>P7 – “Com a ajuda das professoras que trabalham na sala de recursos, que faz atendimento especializado na escola. “[S.I.C.]</i>   |
|                                   | <i>P2 – “procuro fazer um acompanhamento de perto com o aluno.” [S. I. C.]</i>   |
|                                   | <i>P4 – “Nos muitas vezes temos que ver vários aspectos principalmente quando de início do ano letivo com os alunos de baixa visão esses aspectos vão nos mantendo perante o ano letivo.” [S. I. C.]</i> |
|                                   | <i>P8 – “Tento ser mais flexível no que diz respeito às questões gramaticais bem como da interpretação das questões.” [S. I. C.]</i>   |

|  |  |
|--|--|
|  | <i>P5 – “Com qualquer grau de dificuldade menor que dos demais alunos.” [S. I. C.]</i> |
|--|--|

Entre as respostas dos professores categorizadas como não adaptação da avaliação há justificativas que se pautam no fato que não há comprometimento cognitivo que dificulte o processo de aprendizagem como apontado nas respostas de P1 e P3. Apesar do aluno com baixa visão não apresentar comprometimentos cognitivos que afetem o processo de aprendizagem, salvo em alguns casos, ainda se faz necessário adequações nos objetivos, mudanças nos conteúdos e processos de avaliação, como aponta Romagnolli e Ross (2008). Tais adaptações não parecem estar sendo realizadas pelos professores citados.

No entanto, há perspectivas teóricas, como aponta Sasaki (2005) que convergem com a resposta de P6 que acredita que para ser realmente inclusão não pode haver qualquer adaptação, isto é, somente o processo de integrar basta. Porém o que predomina nacionalmente é a ênfase na necessidade das adaptações para garantir a acessibilidade plena ao conteúdo, garantindo que os objetivos educacionais sejam alcançados, como consta na publicação “Saberes e práticas da Inclusão - Desenvolvendo competências para atendimento às necessidades educacionais especiais de alunos cegos e de alunos com baixa visão” do Ministério da Educação (2006), caso contrário não se trata de inclusão. Assim sendo, em relação a resposta de P6, cabe mais investigações se trata-se de falta de conhecimento ou trata-se de perspectiva ideológica.

Entre as respostas dos professores na categoria que adaptam a avaliação, pode-se observar casos em que os professores adaptam sim, porém por conta do próprio desconhecimento do conceito de adaptação, acabam afirmando que não adaptam, como na resposta de P9, que indicou no questionário que não adapta a avaliação, porém nota-se a adaptação, que dependendo do caso pode ser o suficiente somente ampliar a prova para a inclusão satisfatória no processo avaliativo. Porém há casos que somente a ampliação da prova não é suficiente para

tornar acessível o processo avaliativo, sendo necessário adequações curriculares (ROMAGNOLLI; ROSS, 2008).

A fim de viabilizar o processo de avaliação dos alunos com baixa visão, alguns professores recorrem aos profissionais da sala de recursos multifuncionais, como revela a resposta de P7. Romagnolli e Ross (2008), ressaltam a importância de fornecer apoio físico, verbal, visual ou outros ao aluno com baixa visão quando for necessário, a fim de possibilitar a realização das atividades avaliativas. O apoio pode ser oferecido pelos professores da sala de recursos ou pelos próprios colegas, sendo respeitado o processo autônomo do aluno.

Entre os professores pode-se notar que há uma preocupação em fazer acompanhamento minucioso e individual com o aluno com baixa visão como apontado nas respostas de P2 e P4, tendo assim uma mudança atitudinal e não de conteúdo, mas que pode fazer grande diferença, pois permite ao professor estar sensível às dificuldades próprias do aluno com baixa visão, e assim pensar em ajustes que favoreçam o seu aluno.

Mostram-se nas respostas de P8 e P5 uma flexibilização em relação a exigências feitas ao aluno com baixa visão. Cabe investigações para o porquê destas posturas adotadas pelos professores, já que estes alunos possuem a capacidade de desenvolver as mesmas competências dos demais alunos, respeitando as adequações necessárias. Isto é, o professor pode estar subestimando a capacidade do aluno, e assim prejudicando o processo de desenvolvimento acadêmico, já que em algum momento o aluno será exigido ter estes conhecimentos, sendo assim é necessário por parte dos professores adequar da melhor forma para o seu aluno com baixa visão, pois subestima-lo não o ajuda, e não adequar nada também não.

Quando perguntado sobre as dificuldades que os alunos com baixa visão apresentam nas suas disciplinas, os entrevistados apontaram algumas dificuldades separadas em categorias que serão apresentadas na tabela abaixo.



Tabela 2:

**As respostas dos professores para cada categoria de dificuldades dos alunos com baixa visão nas aulas.**

| <b>Dificuldades</b>                        | <b>Respostas dos Professores</b>  |
|--|---|
| <b>Visualizar as imagens</b>               | <i>P 2: “A de visualizar as iconografias trabalhadas nas aulas.”</i>  |
|  | <i>P8: “Análise de imagem, gráficos e mapas.”</i>   |
| <b>Morosidade para concluir atividades</b> | <i>P5: “Resolver uma determinada tarefa dentro de um prazo estipulado.”</i>   |
|  | <i>P9: “Eles tem dificuldade de concluir as atividades no tempo previsto.”</i>  |
| <b>Leitura</b>                             | <i>P1: “Em se expressar na leitura, eles mesmos na fala na leitura, dos textos mas geralmente, os colegas ajudam no que há necessidades no seu dia a dia.”</i>          |
|  | <i>P3: “de compreensão e memorização de algumas palavras”</i>   |
|  | <i>P7: “ Em leitura.”</i>   |
| <b>Falta de pré-requisitos</b>             | <i>P5: “Falta de pré requisitos para melhor compreensão do assunto dado em sala de aula.”</i>   |
| <b>Nenhuma Dificuldade</b>                 | <i>P6: “Acredito que nenhuma pois, em minhas aulas são ministrada na fala e sempre dito para o aluno copiar, quando a avaliação eu faço uma prova com letra maior.”</i> |

Os professores apontaram a dificuldade de visualizar as imagens, como nas respostas de P2 e P8. Pensando em adaptações didático-pedagógicas que o professor pode estar realizando, a áudio descrição é uma estratégia de grande relevância, para que o aluno tenha acesso a essas imagens, pois neste recurso o professor faz a descrição oral das imagens (MIANES, 2016).

Outra dificuldade dos alunos com baixa visão citada pelos professores é a de concluir as atividades no tempo estipulado, apontada nas falas de P5 e P9: Isto se deve à redução do campo visual, tornando os alunos com baixa visão mais lentos

na realização das atividades. Como apontado anteriormente por Silva (2015), é importante que o professor faça o planejamento das suas atividades, levando em conta a morosidade deste aluno, além de entender que apesar do aluno fazer uso de recursos óticos, ainda assim será moroso para o término das atividades.

É ainda apontada pelos professores a dificuldade do aluno baixa visão no que diz respeito à leitura, como visto nas falas de P1, P3 e P7, isto pode estar sendo provocado pela falta de material com a adaptação necessária.

Ainda é assinalada na fala de P5 a falta de pré-requisitos. Vale investigar que pré-requisitos são esses e se esta dificuldade é exclusiva de alunos com baixa visão. No entanto pode ser mais evidente nesses alunos devido ao acúmulo de aprendizagem deficitárias causadas por pouca adaptação curricular ou de material, para isto é importante conhecer como se deu a trajetória de avanços nas séries anteriores.

Há professores que não percebem dificuldades diferenciais como visto na fala de P6. Cabe investigações para levantar se somente as medidas adotadas pelo docente em questão são o suficiente, ou se o professor não está sensível às dificuldades do seu aluno com baixa visão.

Em relação às dificuldades dos professores em ministrar aulas para alunos com baixa visão, foram separadas as respostas dos professores em quatro categorias, apresentadas na tabela a seguir:

Tabela 3:

**Respostas dos professores em categorias quanto as dificuldades de ministrar aulas para alunos com baixa visão.**

| <b>Categorias</b>                      | <b>Respostas dos Professores</b>   |
|--|--|
| <b>Falta de adequações necessárias</b> | <i>P3 - “Recursos materiais adaptados”. [SIC]</i>  |
|  | <i>P5 – “São as salas de aula lotadas e não adaptados para eles e a falta de acesso de materiais didáticos para o aluno de baixa visão”. [SIC]</i> |
|  | <i>P7- “Dou normalmente em comum com os demais alunos da</i>   |

|                                 |   |
|---------------------------------|---|
|                                 | <i>sala. Os alunos com baixa visão acabam por sentir dificuldades com o uso do livro didático.”[SIC]</i>  |
|                                 | <i>P8 – “Adaptação da fala, do material, das provas e do contato direto e apropriado.”[SIC]</i>   |
| <b>Falta de instrumentos</b>    | <i>P2: “Não ter instrumentos que possam melhorar as aulas para esses alunos”. [SIC]</i>   |
| <b>Características do aluno</b> | <i>P1-“No começo a aluna era muito retraída em falar e se expressar com os colegas e na leitura a mesma está cada vez melhor no seu aprendizado e vencendo as suas dificuldades”[SIC]</i>   |
|                                 | <i>P9 – “A minha maior dificuldade em trabalhar com alunos de baixa visão é que eles não querem ser diferentes dos outros alunos, assim sendo, eles não querem ficar na frente e não querem ser o centro da atenção do professor, mesmo com dificuldades, eles querem sentar atrás.”[SIC]</i> |
| <b>Falta de informações</b>     | <i>P4 – “Necessito principalmente do professor que trabalha com ele em sala de aula passe algumas informações sobre o aluno para realizarmos as atividades.”[SIC]</i>   |

Verificou-se de forma recorrente a falta das adequações necessárias, sendo as mais citadas: a falta da adaptação do material didático e da sala de aula, apontado nas falas de P3, P5, P7 e P8.

Sem dúvidas, a falta das adequações necessárias que são de responsabilidade do sistema de ensino são um fator dificultador no processo de ensino aprendizagem junto a alunos com baixa visão. Como aponta Romagnolli e Ross (2008) a adaptação da sala é de grande relevância, como ter salas bem iluminadas. No entanto, o professor pode colaborar mantendo a lousa limpa e organizada, ou ainda entregar uma cópia impressa das anotações escritas na lousa, a fim de evitar o esforço visual do aluno com baixa visão, para isto, é necessária também a adaptação do material. Na falta das adequações necessárias o professor

precisa estar sensível aos sintomas da fadiga visual do aluno, e quando necessário lhe dar alguns minutos de repouso, ou ainda planejar as atividades permitindo momentos de descanso visual, isto é, intercalando atividades que exijam o uso da visão e outras que não exijam, como indica Romagnolli e Ross (2008).

É apontada como dificultador a falta de instrumentos, como na fala de P2. Cabe investigações acerca de quais são os esses instrumentos necessários para melhorar as aulas para os alunos com baixa visão na perspectiva docente.

Acerca das respostas de P1 e P9 sobre dificuldades para o ensino de alunos com baixa visão, vale averiguação para levantar se todos os alunos com baixa visão não querem ser diferentes, ou pode-se tratar de um processo de generalização. Desta forma, pode-se ressaltar ainda que o professor deve estar sensível às dificuldades afetivas emocionais do seu aluno, pois de acordo com Amiralian (2004) isto é importante para que não as vejam como desinteresse e assim prejudicar o processo de ensino aprendizagem.

É mencionado ainda como dificultador falta de informações como na fala de P4. Romagnolli e Ross (2008) apontam que os professores devem buscar conhecer o seu aluno com baixa visão para assim pensar nas adaptações necessárias para aquele aluno, isto é, o aluno com baixa visão não é só de um professor em específico, mas sim de toda a escola, ou seja, os professores são responsáveis por adaptações necessárias para viabilizar a aprendizagem dos conteúdos das suas disciplinas, podendo levantar informações junto com a família ou consultando o próprio aluno.

Houveram professores que não apontaram nenhuma dificuldade para ministrar aulas para alunos com baixa visão. Pode-se propor investigações para averiguar se realmente não existem dificuldades ou os professores não estão as percebendo.

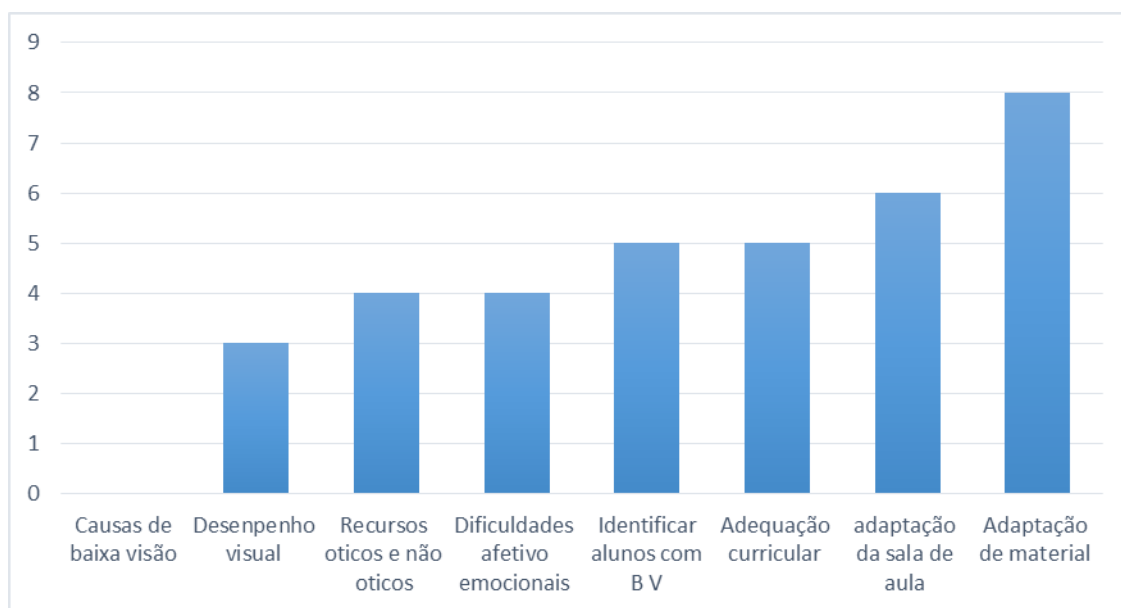
Foi perguntado aos participantes o que era necessário para a inclusão satisfatória dos alunos com baixa visão. Pode-se notar que há professores que não se implicam como importantes no processo de inclusão desses alunos, entretanto,

houveram professores que indicaram, entre outras medidas, o preparo do professor para lidar com esses alunos.

Silva (2015) ressalta que os alunos com baixa visão precisam de toda a comunidade escolar adequada às suas necessidades educacionais, isto é, família e escola aptos a compreendê-los, especialmente os professores, pois é essencial para a construção do vínculo em sala de aula já que o professor deve atuar como um mediador entre o que a criança sabe e o que ela pode vir a saber. Além de buscar conhecer e fazer o uso das adaptações adequadas ao seu aluno com baixa visão, utilizando de estratégias que potencialize a aprendizagem do mesmo. O professor deve também, estar atento à interação social do aluno com baixa visão, buscando atividades que a favoreçam, como aponta Amiralian (2004), e assim alcançar a inclusão plena e satisfatória do aluno com baixa visão. Por fim, pode-se notar que a implicação do professor na busca da inclusão do aluno é de extrema relevância.

#### **Construção e avaliação de cartilha de orientação docente.**

A fim de apontar áreas relacionadas ao trabalho com alunos com baixa visão em que os professores precisam de mais informações, além de colaborar para a produção da cartilha que buscou sanar algumas dessas dúvidas dos docentes, foi perguntado no questionário quais informações os professores gostariam de receber acerca de baixa visão, e os dados obtidos serão apresentados na Figura 1.



**Figura 1. Informações demandadas pelos participantes**

Podemos notar que a maioria (8 professores) solicitam informações acerca de adaptação do material, informações estas de grande relevância para tornar possível a aprendizagem do aluno com baixa visão. Podemos supor que este dado seja devido à má formação dos docentes para lidar com alunos com baixa visão como indicado anteriormente pelos participantes ou ainda pode-se dar devido a percepção dos professores as características individuais de cada aluno com baixa visão. A adaptação da sala de aula foi apontada por 6 docentes. Em seguida, a adaptação curricular e identificar alunos com baixa visão foram apontados por 5 participantes, vale ressaltar que o professor é de grande relevância para identificação dos sintomas da fadiga visual nos alunos, pois é na escola que é exigido a maior utilização da visão e é nesta que o aluno apresenta suas dificuldades, precisando assim, que os professores estejam atentos e munidos de informações para identifica-las e indicar o aluno a procura do oftalmologista. 4 participantes indicaram dificuldades afetivas emocionais e recursos óticos e não óticos. Como apontado anteriormente, o professor precisa estar sensível para as dificuldades afetivas emocionais do aluno com baixa visão para não menospreza-las e assim agrava-las. 3 professores apontaram desempenho visual. É de grande relevância que o

professor conheça o desempenho visual do aluno com baixa visão para pensar em melhores adaptações e evitar a fadiga visual do aluno, ou ainda perceber perdas de desempenho visual em casos de patologias degenerativas. Por fim nenhum professor indicou querer informações sobre causas da baixa visão, no entanto o é preciso conhecer o diagnóstico do aluno com baixa visão para assim favorecer o desempenho visual do aluno.

A partir dessas informações foi construída uma cartilha informativa sobre baixa visão, voltada para os professores, onde foram contemplados todos os tópicos indicados acima. Esta cartilha foi socializada em um encontro com os participantes na semana pedagógica da escola, porém houve o comparecimento de apenas 6 dos 9 participantes. Neste encontro, foi entregue um instrumento de avaliação da cartilha o qual deveria ser preenchido e devolvido.

Os participantes avaliaram a cartilha de maneira geral como muito boa, bem como avaliaram os conteúdos tratados na mesma como muito relevantes. Apenas um participante avaliou como pouco útil na sua prática docente, cabendo assim mais investigações do que poderia ser aprimorado. Todos os participantes apontaram que gostariam muito de ter outros instrumentos de orientação para prática docente, ressaltando assim o interesse em instrumentos que colaborem com a sua prática. Isto pode ser um indicativo da insegurança resultante da má formação no que diz respeito à docência junto a alunos com necessidades especiais.

#### **4. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Nota-se que há muito a ser discutido no Brasil no que diz respeito à educação inclusiva, pois chegou-se à conclusão que de forma geral os participantes apresentam pouco preparo para prática docente junto a alunos com baixa visão.

Cabem investigações em estudos futuros, principalmente a cerca de apontamentos de alguns professores quanto alunos com baixa visão como dificultadores da pratica pedagógica, além de estudos futuros sobre condutas de alguns professores de subestimar a capacidade de aprendizado destes alunos, bem

como Investigações futuras sobre quais instrumentos faltam na prática docente e por fim cabe-se investigações que busquem levantar o porquê que os professores não se implicam como importantes no processo de inclusão dos alunos com baixa visão

Esta pesquisa constou com uma amostra reduzida, no entanto, buscou-se contribuir com um instrumento personalizado de acordo com a demanda do público alvo, a fim de diminuir as dificuldades dos docentes em ministrar aulas para estes alunos, o qual foi bem aceito pelos participantes, revelando o interesse em capacitações que venham a contribuir com a pratica docente. Pode-se em estudos futuros ainda avaliar o impacto desse instrumento para verificar o quanto modificou o processo de ensino a alunos com baixa visão.

Pesquisas na área fazem-se relevantes para subsidiar discussões acerca da qualidade da formação nos cursos de licenciatura no que diz respeito a disciplinas de educação especial além de apontar como está ocorrendo o processo de ensino aprendizagem dos alunos com baixa visão e assim revelar os déficits neste processo e então ser possível pensar em políticas públicas que favoreçam a inclusão destes alunos.

## **REFERÊNCIAS**

AMIRALIAN, Maria. Sou cego ou enxergo? As questões da baixa visão, **Educar Em Revista**. Curitiba, v.23, p.15-27, 2004.

GASPARETTO, Maria. et al. O aluno portador de visão subnormal na escola regular: Desafio para o professor? **Arq Bras Oftalmol**, v. 64, p. 45-51, 200.

MIANES, F. L. **Audiodescrição como ferramenta pedagógica de ensino e aprendizagem**. 2016. Disponível em: <[http://www.anpedsul2016.ufpr.br/wp-content/uploads/2015/11/EIXO6\\_FELIPE-LE%C3%83O-MIANES.pdf](http://www.anpedsul2016.ufpr.br/wp-content/uploads/2015/11/EIXO6_FELIPE-LE%C3%83O-MIANES.pdf)>. Acesso em 18 Maio2016.

ROMAGNOLLI, E; ROSS, R. **Inclusão de aluno com baixa visão na rede pública de ensino: Orientação para professores**. 2008. Disponível em: <<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1109-2.pdf>>. Acesso em: 25 Jul. 2016.



SASSAKI, Romeu. **Inclusão: o paradigma do século 21**. 2005. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/revistainclusao1.pdf>>. Acesso em: 15 jun. 2016.

SILVA, C. **Estratégias utilizadas por professores da escola regular no processo ensino-aprendizagem de crianças com deficiência visual**. 2015. 105 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Psicologia da Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2015.